



DIPLOMACIA

Em meio à crise, Brasil e Israel elevam o tom

Após Lula comparar a ofensiva em Gaza ao Holocausto, Netanyahu declara o chefe do Planalto persona non grata. Em resposta, governo petista convoca o embaixador de Israel para uma conversa e chama de volta ao país o embaixador brasileiro

» INGRID SOARES
» VICTOR CORREIA

Evaristo Sa/AFP



Após ser declarado persona non grata, o presidente Lula convocou uma reunião de emergência no Palácio da Alvorada para decidir o que fazer

Ahmad Gharabli/AFP



Meyer observa enquanto Katz diz à imprensa que Lula é persona non grata

Brasil e Israel resolveram escalar a crise diplomática deflagrada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no domingo, ao comparar a ofensiva israelense na Faixa de Gaza ao Holocausto. O governo de Benjamin Netanyahu fez uma reprimenda ao embaixador brasileiro Frederico Meyer, sediado em Tel Aviv, e declarou o chefe do Executivo persona non grata.

Em resposta, Lula convocou o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, para uma reunião com o chanceler Mauro Vieira e chamou Meyer de volta ao Brasil para "consultas". O ato é considerado um forte sinal de descontentamento com Israel, e um dos passos que pode levar ao rompimento das relações.

O mal-estar começou após o chanceler israelense, Israel Katz, mudar o local da reunião com Meyer para o Museu do Holocausto, quebrando o protocolo diplomático — o comum é que esse tipo de encontro ocorra na sede do ministério. Logo depois, em coletiva de imprensa, Katz declarou Lula persona non grata.

"Não perdoaremos e não esqueceremos — em meu nome e em nome dos cidadãos de Israel. Informe ao presidente Lula que ele é uma personalidade indesejável em Israel até que ele peça desculpas e se retrate de suas palavras", disse o ministro israelense, em uma postagem nas redes sociais.

Durante o dia, integrantes do governo brasileiro saíram em defesa de Lula e, junto ao Itamaraty, discutiram a melhor forma de responder à investida israelense.

Há, tanto no governo quanto na diplomacia, o entendimento de que Lula pecou nas declarações, dadas na Etiópia. Porém, a reação do governo de Netanyahu foi vista como "um show", que reduziu drasticamente a disposição do presidente brasileiro de pedir desculpas.

Depois de ser declarado persona non grata, Lula convocou uma reunião de emergência no Palácio da Alvorada para decidir o que fazer. Entre os presentes, estavam o assessor especial da Presidência, Celso Amorim, ex-chanceler; e os ministros da Secretaria de Comunicação (Secom), Paulo Pimenta, da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), Alexandre Padilha, da Secretaria-Geral da Presidência, Márcio Macêdo, e da Advocacia-Geral da União (AGU), Jorge Messias.

Não há, porém, expectativa de um pedido de desculpas de Lula, apenas um esclarecimento sobre o destinatário das declarações

"Armadilha"

O embaixador Frederico Meyer foi colocado no que integrantes do governo brasileiro consideraram uma espécie de "armadilha". Ele não fala nem compreende hebraico, e ficou exposto diante das câmeras, sem poder esboçar reação, enquanto ao seu lado o chanceler israelense, Israel Katz, declarava à imprensa que Lula passava a ser considerado persona non grata no país.

do presidente. Como fez a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, nas redes sociais. "A fala se referiu ao governo genocida, e não ao povo judeu. Sejam honestos nas análises", escreveu. "Perguntei, certa vez, a uma jornalista por que a imprensa não divulga as imagens do massacre em Gaza, ao que ela me respondeu: 'Porque são muito fortes as imagens das crianças mortas'. Se isso não é esconder o genocídio, eu não sei o que é."

Ela disse, ainda, ter muito orgulho do marido, que "desde

Saiba mais

Rugas na relação

Desde o início da guerra, a relação entre o governo Lula e Israel vem sendo marcada por diversas rugas, como quando o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, participou de uma reunião na Câmara dos Deputados em que o ex-presidente Jair Bolsonaro também compareceu. A demora pela liberação da saída de brasileiros que estavam na Faixa de Gaza também azedou a relação entre Brasília e Tel-Aviv.

O relacionamento era melhor no governo de Jair Bolsonaro, que chegou a viajar a Israel. Netanyahu também veio ao Brasil, para participar da posse do ex-presidente em 2019.

No governo Dilma Rousseff, Israel chegou a chamar o Brasil de "anão diplomático" depois que a ex-presidente chamou o então embaixador brasileiro em Tel-Aviv para consultas em 2014, em meio a uma guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas. "Essa é uma demonstração lamentável de como o Brasil, um gigante econômico e cultural, continua a ser um anão diplomático", apontou Tel-Aviv, na época.

saíram em defesa de Lula, como o vice-presidente Geraldo Alckmin. "(Lula) Deixou claro que a ação do Hamas foi uma ação terrorista. Isso eu ouvi dele em vários pronunciamentos. Do outro lado, disse que nós precisamos de paz", comentou.

Pelas redes sociais, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, disse que a resposta de Netanyahu ao a Lula "confirma a truculência do chefe de um governo de extrema-direita que está levando seu país ao desastre e ao repúdio da comunidade internacional".

Entenda o caso

Declarações do presidente

» O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem emitido declarações sobre a guerra na Faixa de Gaza desde o início do conflito, mas elevou o tom das críticas em seu giro pela África, onde conversou com líderes importantes, como o presidente do Egito, Abdel Fattah al-Sisi, durante visita ao Cairo, e o primeiro-ministro da Autoridade Palestina (AP), Mohammad Shtayyeh, em Adis Abeba.

» "O que está acontecendo em Gaza não aconteceu em nenhum outro momento histórico, só quando Hitler resolveu matar os judeus", disse Lula, em coletiva de imprensa no domingo, em Adis Abeba, Etiópia.

» O chefe do Executivo também criticou Israel ao afirmar que Tel-Aviv não obedece a nenhuma decisão da Organização das Nações Unidas (ONU) e afirmou que defende a criação de um Estado palestino.

» Para Lula, o conflito "não é uma guerra entre soldados e soldados, é uma guerra entre um Exército altamente preparado e mulheres e crianças", afirmou. "Não é uma guerra, é um genocídio", completou.

» A guerra no enclave palestino começou em 7 de outubro do ano passado, quando terroristas do Hamas invadiram o território israelense, mataram 1.200 pessoas e sequestraram 240. A ação é considerada o pior ataque contra judeus desde o Holocausto e o pior ataque terrorista da história de Israel.

» Depois dos atos terroristas do Hamas, Tel-Aviv iniciou uma operação na Faixa de Gaza, com bombardeios aéreos e invasão terrestre, que resultaram na morte de mais de 28 mil palestinos, segundo o Ministério da Saúde de Gaza, que é controlado pelo grupo terrorista Hamas.

Especialistas classificam declarações como desastrosas

Entre os especialistas, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi criticado por comparar a ofensiva de Israel na Faixa de Gaza ao Holocausto. A professora de direito internacional da Universidade de São Paulo Maristela Basco classificou como "desastrosa" a declaração do presidente.

"Vai trazer muitos prejuízos para o Brasil. Não só bilateral, mas também no cenário multilateral, porque os aliados de Israel e que são países importantes

também vão ver o Brasil, a partir de agora, de forma muito mais pragmática e com muito menos otimismo", avaliou. "No contexto internacional geral, qualquer chefe de Estado está vendendo no Brasil um país liderado por um falatrão, por alguém que, de fato, não reflete sobre suas palavras nem sobre as consequências que elas possam gerar. O descrédito do Brasil é grande. Já vinha sendo desmontado o crédito do Brasil há algum tempo, mas, agora,

com essa última fala, parece que o presidente Lula jogou o Brasil precipício abaixo."

Para ela, a única maneira de superar a crise é com um pedido de desculpas. "Não há outra forma que não seja a retratação. Vemos o potencial explosivo que a declaração de Lula tem junto às comunidades antisemitas. Internamente, essa declaração também tem um efeito nefasto, que é, de uma certa forma, legitimar aqueles que são

contrários ao Estado de Israel e contrários ao povo judeu, de se sentirem fortalecidos ou até legitimados depois de uma declaração como essa."

"Por outro lado, em que termos ele vai pedir desculpas? Que não quis dizer o que de fato disse? É um desastre tremendo. Estamos diante de uma situação muito aviltante e constrangedora", emendou.

Na opinião de Wagner Parente, consultor em relações

internacionais e CEO da BMJ Consultores Associados, "Lula errou feio", e as falas serviram como munição ao governo de Netanyahu.

"Lula errou fazendo qualquer tipo de comparação do que ocorreu na Faixa de Gaza com o Holocausto. Por outro lado, Benjamin está nas cordas e vê no governo Lula um ótimo antagonista. Não por acaso, ele fez todo esse teatro, convocando o diplomata brasileiro e a imprensa ao Museu do Holocausto e comunicar

ao diplomata em público, quase que seu presidente é uma persona non grata. Foi um ato político midiático", frisou. "É mais uma demonstração de que o Netanyahu está procurando fatos políticos. Acho que, no curto prazo, deve diminuir a temperatura, e, aos poucos, a relação Brasil e Israel vai voltando ao normal, porque os laços culturais são muito fortes. Não interessa a ninguém esse nível de tensão entre os países", acrescentou. (IS e VC)